

AS NOVAS TECNOLOGIAS E A EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA COMUNICACIONAL

AUGUSTO DEODATO GUERREIRO*

Introdução

É com profunda satisfação que agradecemos o convite que nos foi formulado pelo Professor Doutor Moisés Lemos Martins, para apresentarmos uma comunicação neste «III Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação – Investigação: Convergências e Desafios» (a que mui dignamente preside e cuja organização felicitamos entusiasticamente), evento de grande dignidade e de alto nível científico no qual aceitámos participar com muita honra e gratificação, sobretudo por nos ser proporcionada a feliz oportunidade de podermos conferir com a presente comunidade académica e científica (à qual pertencemos) uma vertente tifo-sócio-comunicacional nova no modo de abordagem e na profundidade da questão, cuja problemática vestimos e investigamos, e que consideramos imprescindível no horizonte das Ciências da Comunicação (nomeadamente na especialidade Comunicação e Cultura), de forma a desmistificar concepções e postulados erróneos que a ignorância intelectual (mercê da ausência de esclarecimento ou de negligência no saber) tem vindo a impor nas mentalidades ao longo da história humana, atravessando as grandes modalidades técnicas (correspondentes a outras tantas modalidades da experiência), desde a tradicional, passando pela maquínica até à cibernética.

«A ciência fornece-nos uma visão da realidade segundo a perspectiva da razão», conforme Pagels, em *Os Sonhos da Razão: o Computador e a*

* Câmara Municipal de Lisboa e ESE Jean Piaget de Almada.

Emergência das Ciências da Complexidade, publicado em 1990, «uma visão poderosa, formal e austera, mas estranhamente silenciosa a respeito de muitas das questões que nos preocupam profundamente». Acreditamos, no entanto, que, de entre as «muitas questões que nos preocupam profundamente», muitos dos esforços, empíricos e científicos, que têm vindo a ser desenvolvidos sobre a tiflogia nos irão ajudar (num futuro muito próximo) a solucionar (com uma eficácia cada vez mais aprimorada) prementes problemas que ainda condicionam as pessoas cegas na acessibilidade (com independência) à informação e à cultura.

A tiflogia não se nos apresenta propriamente como uma ciência, mas como uma posição plurifacetada, traduzida numa actividade multidisciplinar, em que convergem disciplinas do âmbito de diversas ciências (designadamente «oftalmologia e outras especialidades da ciência médica, psicologia, pedagogia, sociologia, engenharia, arquitectura, acção social, direito»), como refere Oliva, no artigo «A ACAPO e a Acção Tifológica», publicado em Novembro de 1995, com o objectivo de se compreender integralmente «o déficite funcional motivado pela deficiência visual em todas as suas implicações intrínsecas e extrínsecas ao deficiente e procurar, na medida do possível, reduzir ou eliminar essas implicações». Esta preocupação já tornou possível um leque de conquistas, das quais já merecem destaque as seguintes:

- reconhecimento de uma configuração tipológica justificativa da separação da deficiência visual de outras deficiências, com as quais a princípio andou misturada, como a surdez e a mudez;
- definição do conceito de deficiência visual, determinação dos seus graus e tipificação dos quadros da sua ocorrência;
- desenvolvimento de métodos, técnicas e ajudas tiflotécnicas, especialmente no âmbito de actividades de índole tiflopedagógica e tifloborbal;
- reconhecimento do direito à orientação e mobilidade em segurança na via pública e nos transportes públicos;
- distinção e caracterização do segmento da hipovisão, com a adopção de técnicas e equipamentos apropriados;
- direito ao acesso à informação, ao esclarecimento, à fruição de bens culturais e artísticos, à prática desportiva, ao apoio à terceira idade, à preparação familiar, ao enquadramento legislativo sectorial, etc.

«A razão sonha com um império do conhecimento, uma mansão da mente. Contudo, por vezes acabamos por viver numa choupana ao lado da mansão»(Pagels, 1990). Ignora-se a «mansão» ou aspectos dela inte-

grantes que em muito poderiam contribuir para o nosso esclarecimento, fundamento da razão e do sonho. «O futuro, como sempre, é dos sonhadores». A razão mergulha-nos nesse «império do conhecimento» e o sonho impele-nos à descoberta, não nos esquecendo de que deve ser o Homem a manter-se como «medida de todas as coisas», porque, estamos convictos, nada poderá jamais substituir as suas capacidades criadoras, a sua inteligência e a sua sensibilidade, parafraseando Lussato, em *O Desafio Informático*, publicado em 1982.

A capacidade criadora, a inteligência, a consciencialização e a sensibilidade do Homem constituem o móbil e a inexpugnabilidade da evolução do mundo e do progresso a todos os níveis, do redimensionamento e da ampliação de potencialidades e capacidades humanas, da transformação das mentalidades. E aí temos a ciência e a técnica informáticas a ajudar a operacionalizar com mais eficácia e rapidez a vida das sociedades, em especial das pessoas com dificuldades específicas, nomeadamente no acesso à informação e à cultura, de cuja tecnologização específica, no plano da suplência sensorial e comunicacional, para as pessoas cegas nos ocuparemos nesta intervenção.

A suplência tiflo-sócio-comunicacional e interactiva mediante o contributo informático tecnológico: algumas reflexões de índole tiflológica

São as ausências sensoriais (provavelmente mais as consideradas superiores numa acepção aristotélica) que estimulam e ajudam a desenvolver as que restam (refinando-as), o que promove o desenvolvimento da suplência dos sentidos, imprimindo-lhe, de forma natural ou virtual, as indispensáveis funcionalidade e operacionalidade na interação humana. Cabe aqui citar Carlos Queiroz (1907-1949), que escreveu:

*«Ver só com os olhos
É fácil e vão:
Por dentro das coisas
É que as coisas são».*

Não obstante reconhecermos ser de crucial importância a amplitude específica da perceptibilidade exteroceptiva, propioceptiva, interoceptiva e comunicativa, para a qual nos remetemos estas palavras preambulares, o que pretendemos comprovar, numa dimensão mais tecnologizante da suplência sensorial nas pessoas cegas, é que a técnica actual não pode ser vista como simples «instrumento», mas como algo que afecta a totalidade da experiência humana. Trata-se de partir da experiência, e isso obriga a

reconhecer, seguindo Mcuhan, que os meios de comunicação constituem autênticas próteses e extensões de infinito alcance para o Homem.

Circunstanciando-nos às pessoas cegas, deram-se os primeiros passos neste domínio, com Valentin Haüy, depois com Barbier de la Serre, surgindo no final da terceira década do século passado, com Louis Braille, a primeira ferramenta verdadeiramente «revolucionária», virada para a sensibilidade táctil, a despeito de implicar uma longa e renhida luta para que as pessoas normovisuais com responsabilidade na educação das pessoas cegas se rendessem à excelência do Sistema Braille. Ampliou-se a acessibilidade à informação, com o aparecimento de livros em formato áudio nos Estados Unidos, nos princípios da década de trinta do século XX, possibilitando as novas tecnologias, actualmente, o acesso a outro suporte de informação (o informático), fantasticamente promissor para as pessoas cegas, embora ainda reúna aspectos não testados, de forma a retirar-se-lhe todas as potencialidades que encerra.

Apesar de os equipamentos informáticos estarem em permanente evolução (inovações que a maior parte das vezes comprometem o acesso já conquistado), a verdade é que hoje uma pessoa cega que utilize equipamentos informáticos poderá aceder a um volume inexaurível (inimaginável para a generalidade dos cidadãos) de informação, podendo compilá-la, citá-la, reformulá-la, produzir nova informação, imprimir-la, difundi-la (até por via telemática), em caracteres comuns, em braille ou em formato electrónico, o que lhe abre um vastíssimo campo de possibilidades, já difícil de avaliar presentemente (1)-(2).

A revolução informática, do ponto de vista do utilizador, é simples e não exige grandes conhecimentos. Basta a utilização de um processador, de uma base de dados e de uma folha de cálculo, o manuseamento dos comandos simples e de alguns programas utilitários, para se poder entrar nesse mundo fantástico da informação.

No que se refere aos diferentes equipamentos de acesso (sintetizadores de voz, linhas braille e ampliadores de caracteres), são apenas diferentes formas de aceder ao discurso informático, optando cada pessoa pelo interface que melhor se ajuste às suas capacidades e/ou possibilidades económicas (1)-(3).

Sem nos rendermos a um optimismo fácil, parece-nos legítimo concluir que a informática proporcionará, progressivamente, transformações importantes no futuro das pessoas cegas. Ao garantir-lhes uma maior autonomia no acesso à informação, a formação e a educação passarão apenas a depender da vontade, da capacidade e do empenho de cada pessoa deficiente visual.

Mas outros itinerários se abriram recentemente às pessoas cegas, os da *Internet*, desde que se observem as adequadas e específicas normas de configuração no cibertexto. Saber como guardar a informação, se em casa

em CD-ROM, ou numa gigantesca biblioteca com a dimensão do universo a que se tem acesso directamente de casa, ou de outras formas ainda não imaginadas ou consumadas, é uma questão, nalguns casos, que também já lhes é acessível com perfeita independência e autonomia.

No que respeita às imagens, é sempre aconselhável elaborar-se uma página alternativa em modo texto (deveria haver mesmo legislação rigorosa de carácter internacional que impusesse essa alternativa), de forma a que as pessoas cegas tenham a descrição da imagem transmitida. Isto porque os *softwares* especiais para voz sintetizada e para braille ainda não descodificam (muito provavelmente nunca descodificarão) imagens, mapas, esquemas... É neste domínio que os responsáveis pela acessibilização da informação e da cultura a todos os indivíduos (sem marginalizações) têm que se manter permanentemente atentos, no sentido de que (e sempre) a evolução informático-tecnológica, no campo da imagem, se processe com alternativas que permitam às pessoas cegas uma perfeita independência e autonomia no acesso à informação sucessivamente disponível no ciberespaço. Nesta acepção, já em Portugal (o primeiro país europeu a tomar a iniciativa nestas questões) se estuda e está em implementação a adequação da *Internet* a necessidades especiais, a cargo do GUIA – Grupo Português pelas Iniciativas em Acessibilidade, que é uma associação nacional, da responsabilidade do Eng.º Francisco Godinho, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, cujo *site* é www.acessibilidade.net.

Estamos hoje em contacto permanente e instantâneo com uma multiplicidade de mundos da experiência que se situam fora do horizonte da nossa percepção espontânea, fazendo com que a nossa percepção da realidade ultrapasse cada vez mais as barreiras de espaço e de tempo que delimitam os quadros de referência da nossa percepção da realidade e as fronteiras do nosso mundo (4). Complexos e sofisticados dispositivos de informação, como o telefone, o cinema, os jornais, a rádio, a televisão, os satélites de telecomunicações, o telefax, o correio electrónico, os discos compactos, o computador, as redes e os sistemas integrados de serviços telemáticos, fazem parte do nosso dia-a-dia, definem novos horizontes da nossa experiência, alargando a esfera de percepção e de intervenção no mundo, elaborando a nossa própria representação da realidade.

Hoje em dia, sem sairmos do nosso quarto ou da nossa sala de estar, os sistemas de informação põem o mundo inteiro ao nosso alcance. É por isso que, hoje, dificilmente poderíamos imaginar a nossa vida sem estes dispositivos mediáticos que passaram a fazer parte integrante dos nossos próprios órgãos de percepção, da perceptibilidade dos nossos sistemas sensoriais. O telefone e a rádio são autênticas próteses auditivas do homem do nosso tempo (a que as pessoas cegas, mais do que ninguém, recorrem, para também ampliarem e sedimentarem conhecimentos), a televisão projecta a nossa visão (o nosso conhecimento, o nosso saber) até aos confins do

planeta, os computadores substituem cada vez mais a componente mecânica da nossa memória e facultam, sobretudo às pessoas cegas, uma extraordinária extensão dos sistemas sensoriais (principalmente do tacto e do ouvido), da perceptibilidade exteroceptiva, da atenção e intuição, da mente e da consciencialização, mediante o contributo da informática e das novas tecnologias dela decorrentes, os *softwares* e os interfaces específicos. Os dispositivos electrónicos da informação permitem ultrapassar cada vez mais as limitações do espaço, do tempo e dos *handicapes* que, até há pouco tempo, nos mantinham relativamente confinados à comunidade (segregacionista ou não) que nos tinha visto nascer, viver (ou vegetar), crescer e perecer.

Neste universo de grandes e espantosas afirmações, as questões comunicacionais ligadas a algumas pessoas com determinadas deficiências surgem, por vezes, problemáticas por sua própria natureza. Estas pessoas, à partida, oferecem (nalguns casos) sérios obstáculos e profundas desvantagens para que o percurso do seu desenvolvimento cognitivo e comunicacional se processe minimamente equilibrado e coerente.

Por força dos resultados experienciais e culturais, bem como das «conquistas» no âmbito da informática e das novas tecnologias dos últimos tempos, quanto à importância fundamental da comunicação no desenvolvimento pessoal e social, os técnicos interventores nos domínios da deficiência e da reabilitação só muito recentemente despertaram para esta vertente principal e tão indispensável na sua intervenção e imprescindível para a prossecução dos objectivos da equiparação de oportunidades em toda a sociedade humana. E nós facilmente deduzimos quanto representa e quão gratificante é para os cidadãos portadores de deficiência sentirem que são entendidos e aceites sempre que tentam comunicar! Quanto mais extenso e aprofundado é o acto comunicacional destas pessoas (as que apresentam significativas dificuldades sobretudo ao nível cognitivo), mais extensa e aprofundada se enraíza a sua integração em todos os domínios da vida social.

Estamos cientes de que as vantagens da tecnologização da tiflografia e da acessibilidade da informação às pessoas cegas ampliam a sensibilidade táctil, porventura já aumentada (no plano da exterocepção e antecipação perceptiva), em que determinados receptores sensoriais exteroceptores – células nervosas especializadas – informam com mais precisão o sistema nervoso central sobre o estado do ambiente (externo ou orgânico) ou sobre as alterações deste estado sob a actuação de estímulos (conforme referem English and English, 1964, e Schmidt, 1980).

Cabe aqui referir que, no plano social, o ouvido escorreito representa para o indivíduo um factor indispensável, para se relacionar com o seu semelhante e não ficar isolado numa comunidade em que, para chegar à compreensão do mundo que o envolve, necessita da sensibilidade, da

audibilidade e da inteligibilidade que só o complexo mecanismo da audição, da cultura da escuta, lhe permite adquirir. O sentido da audição está intimamente ligado à personalidade humana, em relação com as funções psíquicas do indivíduo, e fundamentalmente ligado ao percepcionamento das coisas numa enorme diversidade, podendo a pessoa cega ouvinte, desde que os sistemas acústico-sensorial e da perceptibilidade dos sentidos não se achem obstruídos ou condicionados por quaisquer circunstâncias, ter a noção exacta do espaço e dos obstáculos à sua volta, numa dimensão pluri-direccional e multidimensional.

Para conferirmos a necessária pragmaticidade a esta questão, temos vindo a desenvolver a importância da adequação das novas tecnologias, a aprofundar evoluções do braille à braillo-informática e da informação analógica à digital (ou informação estruturada), do equipamento informático específico de leitura e de escrita cada vez mais ajustado às necessidades especiais, dando relevo às perspectivas actuais da acessibilidade da informação, no plano informático-tecnológico, o que faculta às pessoas privadas da sensibilidade visual um futuro de maior e independente acessibilidade à informação e à cultura, de uma maior e eficiente autonomia, independência e interacção, de uma mais ampla comunicabilidade e socialidade, de uma mais profícua actividade sócio-intelectual e sócio-profissional, «satisfazendo naturais exigências pessoais e sociais, conforme o que defendemos no livro *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos: Contributos da Tecnologização da Tiflografia para a Ampliação dos Processos Comunicacionais*, que sairá em Dezembro próximo.

É neste contexto que importa inscrever as incidências do progresso das novas tecnologias da informação que vieram dar novos rumos ao mundo, neste caso, da reabilitação, designadamente a computorização, as ajudas técnicas e outros meios auxiliares de processos comunicacionais, em especial da leitura e da escrita. Cada pessoa com deficiência pode desenvolver ao longo da sua vida, em consonância com as suas capacidades designadamente cognitivas, o seu próprio sistema de comunicação constituído por formas verbais e não verbais, orais e não orais, através do som, da escrita, dos gráficos, dos movimentos corporais, de modo variável e evolutivo.

No que concerne ao sistema de comunicação das pessoas deficientes visuais, cujo contacto com o mundo exterior se estabelece fundamentalmente por intermédio dos sentidos do tacto e do ouvido, do odorato e até do gosto, simultaneamente com o cultivo e exercício da perceptibilidade dos sistemas sensoriais, foram desenvolvidas as capacidades tácteis e auditivas, hoje maximizadas com o contributo informático-tecnológico, sendo possível aceder automaticamente aos textos em caracteres comuns através de terminais braille e/ou de voz sintética, ou de *softwares* especiais para

ampliação dos caracteres vulgares de forma a poderem ser lidos por pessoas amblíopes, entre os quais destacamos:

- O novo Braillex EL 2D 40, da F.H. Papenmeier, que tem incorporada uma «barra de acesso fácil», a qual permite navegar pelo ecrã sem tirar as mãos de cima da linha braille.
- Magnilink, que possibilita às pessoas com resíduos visuais experimentar os circuitos internos de TV Colibri, da Low Vision International.
- O novo LP DOS/Windows e o Lunar 95, sistemas de ampliação muito versáteis que se ajustam facilmente às necessidades do utilizador, e que substituem, com vantagem, o novo sistema de ampliação que a Microsoft colocou no Windows 98.
- O leitor de ecrã Supernova, da Dolphin Computer Access, que trabalha com linhas braille (designadamente Alva e Brailex) e com sintetizadores de voz (entre os quais o Apolo e o Orpheu), tendo também ampliação de caracteres.

Presentemente, a oralidade, em casos especialmente justificados, também ganha uma esperança de vida incomensurável, durativizável pela acção das potencialidades das novas tecnologias da informação, as quais vieram revolucionariamente contribuir para a inovação e ampliação do horizonte das artificialidades da linguagem e, por consequência, possibilitar a acessibilidade de todos os cidadãos, escorreitos ou não (salvo as óbvias excepções), ao inexaurível universo da comunicação e da cultura da sociedade contemporânea. Estamos na era da linguagem integrada e da respectiva tecnologização, encontrando-se as pessoas portadoras de deficiência (designadamente as deficientes visuais) cada vez mais integradas no mundo da informação, como utilizadoras (mesmo como produtoras ou programadoras) deste universo comunicacional (1).

As potencialidades das tecnologias da informação na acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência à comunicação e à cultura é, presente-mente, um universo rico de inovação, o que nos tem incentivado a aprofundar neste domínio científico o processo de sociabilidade, comunicabilidade, mobilidade, de autonomia e interacção das pessoas cegas na sociedade, com fundamental incidência na perceptibilidade dos sistemas sensoriais alternativos ao da vista, equacionando a interligação sensorial e a percepção háptica, na tiflografia e braillogia, numa perspectiva logográfica e histórico-cultural, atribuindo especial relevância às vantagens da tecnologização da tiflografia, como inquestionável instrumento intelectossocial integrador destes indivíduos na cultura actual. Ao mesmo tempo, estamos cientes de que o braille e a sua tecnologização constituem, de certo modo,

uma nova linguagem que vem acrescentar funções tácteis a uma linguagem puramente cerebral, intelectual, que era a oralidade, embora a oralidade pressuponha uma certa tactualização, tendo o braille, na escrita moderna, a vantagem de acrescentar uma modalidade sensorial que tem estado quase completamente afastada das ciências da comunicação: o sentido do tacto, pelo qual passam todos os outros sentidos e que protagoniza a dor e o prazer e os ingredientes constitutivos da excelsa beleza, ou da abominável saturação, que culminam no intelecto (5)-(6).

Na realidade, a utilização das novas tecnologias da informação é de indiscutível interesse para formação e conseqüente integração das pessoas cegas, aos mais diversos níveis. Não obstante as enormes vantagens trazidas pelas novas tecnologias da informação para o processo de informação, formação e integração sócio-profissional das pessoas cegas e amblíopes, importa manter uma permanente atenção sobre o sentido da evolução tecnológica, para impedir que ela se transforme em mais um factor de segregação. São as entidades competentes (oficiais e particulares) que deverão promover acções de formação que garantam a difusão das técnicas e meios informáticos de acesso à informação e que deverão combater o fenómeno da info-exclusão e ciber-exclusão, designadamente através da rede de centros de formação da Fundação para as Novas Tecnologias. Recentemente, tam-bém a «Conferencia Iberoamericana del Braille», realizada em Buenos Aires nos dias 14 a 17 de Setembro de 1999, reconheceu a imprescindibilidade das novas tecnologias, com os necessários ajustes, ao serviço das pessoas cegas de todo mundo.

Cientes de que alguns autores defendem com inquestionável rigor científico o problema da linguagem, tendo por detrás a ideia da teoria da visão, muito embora reconhecendo essa incontestabilidade, procuramos justificar um alargamento do paradigma da comunicação, uma vez que a comunicação é algo de um pouco mais complexo, interagindo em nós alguns dos seus elementos de forma quase inconsciente, pelo que propomos um modelo alargado, a partir de conceitos redimensionantes que apresentamos – o da visão, o da perceptibilidade dos sentidos (no que se integram a atenção e a sensibilidade aumentadas) e o da tecnologização da informação, sobretudo da tiflografia – radicados nos restantes sentidos, para compensarem a ausência da visão, dando-nos hoje as novas tecnologias não só um suplemento da visão, como uma visão mais completa das coisas, criando, sobretudo para as pessoas cegas, uma «visão» em alternativa e desinibida de metaforicidades (1).

Em suma, as tecnologias, mais do que instrumentos, são configuradores da experiência, podendo reforçar o humano, mas podendo também pô-lo em causa (7). Deste ponto de vista, elas têm de ser integradas num complexo que articule as tecnologias e os seus interfaces com os sentidos e o mundo. Trata-se, em certa medida, de uma questão de índole técnica e

de um suplemento dos sentidos, mas, essencialmente, de usar as possibilidades técnicas para criar novas formas de experiência, novas formas de vida.

Sabemos que toda a solução dada a um problema levanta novos problemas, principalmente quando o problema original é profundo e a solução apresentada é corajosa (Karl Popper, 1982). Na verdade, não temos dúvidas de que nos impulsiona uma grande ansiedade e coragem para aprofundarmos esta questão, mas também não temos igualmente dúvidas de que investigamos esta problemática animados pela prudência e pela conscientização da sua complexidade tiflólogica no âmbito das ciências da Comunicação, propondo a inclusão e sistematização de uma vertente comunicacional nova a descoberto neste domínio.

Embora o mundo nem sempre mude com uma mudança de paradigma, contudo, depois dessa mutação, estamos convictos de que o cientista passará a trabalhar num «mundo diferente» (Thomas Khun, 1996).

Desde a mais remota antiguidade que se entende que cada pessoa é um universo inexaurível de descoberta. O tacto dos nossos sentidos, a maravilhosa faculdade que é a percepção dos sentidos – designadamente desde a fenomenologia da percepção à teoria dos sentidos, até aos contributos das psicologias da estrutura e da psicologia genética, bem como, mais recentemente, da realidade virtual, que nos demonstra a existência de cinquenta e cinco sentidos (em vez de, apenas, os cinco clássicos) – que todos possuímos, tem sido profunda e injustamente subjugada pela hipervalorização do sentido da vista. Quisemos acordá-la, libertá-la, reabilitá-la e conferir-lhe o poder a que ela tem direito, poder que ela sempre teve, mas que nunca lhe foi reconhecido. Temos agora a gratificante e feliz oportunidade de o demonstrar e apercebermo-nos de quão importante e imprescindível ela é para todos nós, sobretudo como fenómeno tiflo-sócio-comunicacional e tiflo-interactivo.

Conclusão

A capacidade criadora, a inteligência e a sensibilidade do Homem constituem o móbil e a inexpugnabilidade da evolução do mundo e do progresso a todos os níveis, do redimensionamento e da ampliação de potencialidades e capacidades humanas, da transformação das mentalidades. E aí temos a ciência e a técnica informáticas a ajudar a operacionalizar com mais eficácia e rapidez a vida das sociedades, das pessoas com disfunções sensoriais e as consequentes dificuldades específicas, designadamente no acesso à informação e à cultura, lacuna que, sobretudo nos nossos dias, tem vindo a ser progressivamente colmatada com o fabuloso contributo da informática e das tecnologias dela decorrentes.

As perspectivas actuais na acessibilidade à informação e à cultura, no plano informático-tecnológico, enunciam, para as pessoas privadas da sensibilidade visual, um futuro de maior e independente acessibilidade a esse inexaurível universo, de uma mais ampla interacção humana, mas cujo progresso dependerá sempre das permanentes actualização e adequação da operacionalidade e funcionalidade informático-tecnológicas, reconfigurando, em ajustadas alternativas, a predominante tendência para se privilegiar, cada vez mais, a imagem.

Mas a cultura dos sentidos, que se traduz na ampliação da sua perceptibilidade, maximizada pelo contributo informático-tecnológico, leva-nos à concepção e construção de um novo olhar sobre as potencialidades sensoriais (num mundo diferente sem info-exclusões) na sociedade que todos constituímos e somos, emergindo um novo (porque inclusivo e alargado) paradigma comunicacional.

A investigação, estudo e sistematização desta vertente comunicacional alternativa, sobretudo para as pessoas privadas do sistema sensorial visual, preenche uma lacuna – cuja existência consideramos inadmissível na viragem do milénio – no horizonte das Ciências da Comunicação, antecipando novos rumos da sua objectivização para que a identidade e o saber se renovem, se intensifiquem e se ampliem. Vestimos esta problemática, queremos compartilhá-la para, com essa partilha, desmistificarmos concepções desconexas e sem fundamentação experiencial e teórica, dando corpo iniludível a este tão esquecido (ou negligenciado) domínio tiflo-sócio-comunicacional e tiflo-interactivo, investigação que constitui um marco histórico nas áreas da Tiflogia e das Ciências da Comunicação.

Nesta perspectiva, propomos a inclusão nos currículos académicos dos cursos de Ciências da Comunicação uma vertente comunicacional que contemple a global perceptibilidade sensorial e as línguas naturais e as linguagens artificiais especiais, reconfigurativizando a abrangencialidade do paradigma comunicacional, ampliando-o com a inclusão da língua gestual (língua natural para as comunidades surda e surdocega) e linguagens artificiais – designadamente tiflografia (braille e braillo-informática), para as pessoas cegas e eventualmente surdocegas, dactilologia, para as pessoas surdocegas, sistemas de comunicação por imagens (em especial pictogramas e ideogramas), para as pessoas do universo da deficiência mental (média, ligeira, profunda e multideficiência) – de forma a que ninguém (se assim o entender) futuramente venha a concluir uma licenciatura nesta área desconhecendo processos comunicacionais indispensáveis ao progresso das sociedades e do mundo no plano da interacção humana aos mais diversos níveis.

Em suma, o que importa é sairmos de uma certa utopia, sem a abandonarmos, porque nos alimenta o imaginário e nos retempera a esperança (não sonhar sem realmente conhecer, mas conhecer efectivamente para

sonhar depois e revolucionar então), e mergulharmos na realidade, no possível, vencendo determinadas fantasias e conquistando aspectos importantes quer para a educação integral quer para a educação e cultura nos grandes valores – verdade, justiça, solidariedade, porque não também serviço, respeito pelo outro, esperança... – valores que engrandecem as pessoas e a sociedade, numa visão global da pessoa humana, da sociedade, da ciência, do mundo e da vida, à luz de um sistemático debate e interiorização dos nobres e altos, vivificantes e frutíferos valores espirituais, morais e cívicos (8).

A utopia é cultura, não há cultura sem utopia: somos impelidos pela utopia e disciplinados pela cultura. O ser humano está em permanente busca do mais ser, o que nos remete para a premente necessidade de se criarem as necessárias condições para que todo o nosso corpo possa «ver» e comunicar, fruir a excelsa beleza da vida que é de todos nós, que todos constituímos e que somos capazes de melhorar em favor de todos, sem exceções.

Na realidade, e rematando de forma propositadamente metafórica – porque reconhecemos a força e o alcance que representa a metaforicidade (como determinada poesia) na expressão do pensamento –, **TODO O NOSSO CORPO VÊ:**

*Desconstruo um conceito de visão
Em favor de outro às vezes hibernado:
Desperto outros sentidos noutra ver.
Desipervalorizo a sensação
De aos olhos tudo estar subordinado:
Todo o corpo se vê e vê acontecer.
Todo o corpo está em busca do mais ser!*

«Os dados estão lançados». Reforçando este remate também existencialista, havemos de fazer mais em prol da dignificação da pessoa humana e do conseqüente engrandecimento da sociedade e do mundo, todos (sem exclusões), havemos de «ver» para melhor crer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GUERREIRO, Augusto Deodato – *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos: Contributos da Tecnologização da Tiflografia para a Ampliação dos Processos Comunicacionais*. Lisboa: SNRIPD, no prelo.
- (2) KURZWEIL, Raymond – «El fin de las minusvalias: una excursion al siglo XXI» in *Los Ciegos en el Mundo*. Madrid: Secretaría de la Unión Mundial de Ciegos, n.º 12 Julho 1994-Março 1995; p. 69-123. (Edição em braille).
- (3) CRANMER, Tim – «La tecnología: un denominador común» in *Los Ciegos en el Mundo*. Madrid: Secretaría de la Unión Mundial de Ciegos, n.º 12 Julho 1994-Março 1995; pp. 49-65. (Edição em braille).
- (4) RODRIGUES, Adriano Duarte – *Comunicação e Cultura: A Experiência Cultural na Era da Informação*, Lisboa: Presença, 1994.
- (5) GUERREIRO, Augusto Deodato – «O som e a suplência dos sentidos como meio de sociabilidade e interacção humana: notas para uma reflexão aprofundada sobre vertentes tiflo-lógicas», Comunicação apresentada na *XII World Conference of DBI*, organizada pela Casa Pia de Lisboa e realizada nos dias 20 a 25 de Julho de 1999. (No prelo)
- (6) GUERREIRO, Augusto Deodato – «Cultura dos sentidos e ampliação do paradigma comunicacional: uma vertente especial na interacção humana», Comunicação apresentada no *I Congresso Internacional de Motricidade Humana*, organizado pela Sociedade Portuguesa da Motricidade Humana e realizada nos dias 24 a 26 de Setembro de 1999 no Complexo de Ensino Superior Jean Piaget de Almada.
- (7) MIRANDA, José A. Bragança de – *Traços: Ensaios de Crítica da Cultura*, Lisboa: Vega, 1998.
- (8) GUERREIRO, Augusto Deodato – «Cultura e Interacção social: vertentes especiais», *Comunicação apresentada no III Colóquio Temático: Lisboa – Utopias na viragem do milénio*, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa e decorrido de 30 de Junho a 2 de Julho de 1999. (No prelo).